

Escárnio do bandalismo

MAURÍCIO KUBRUSLY
Especial para a "Folha"

CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO — Primeiro LP do cantor e compositor Fernando Pellon, que assina todas as faixas. Participação de Synval Silva, Nadinho da Ilha, Paulinho Lemos, Cristina, João de Aquino, Rafael Rabello, Hélvius Vilela e outros. Produção independente. Informações na rua Dias de Barros, 29/ ss 302, Curvelo, Santa Tereza, Rio de Janeiro, CEP: 20.241, RJ.

Ufa! Até que enfim: a música popular está perdendo os bons modos. Custou, mas a canção começa a sintonizar com mais precisão o país onde é feita e ouvida. Decididamente, não faz muito sentido ficar escutando esse repertório boboca que nutre as FMs — toda essa montoeira de canções pegajosas de amor ou gracinhas rastejantes do tipo do panda biônico Blau Blau — enquanto uma autoridade do governo fardado recomenda na televisão: os mutuários do BNH devem dar um tiro na cabeça, ou contratar alguém para fazer isso. Numa terra onde o escárnio atinge esse grau, o ideal seria ligar o rádio e ouvir algo assim:

“Quando eu soube que estava canceroso/ Ergui louvores ao Criador”...

Pois é precisamente com este verso que começa o LP “Cadáver Pega Fogo Durante o Velório”, de Fernando Pellon. No futuro, é óbvio que esse disco será tomado como referência, momento em que o bom-mocismo foi erradicado de todo um LP. Há antecedentes, canções antigas que refletiam muito mais a realidade de um Brasil de pobres (a maioria) do que a fantasia da ilha onde estão seus dirigentes (a minoria). No seu clássico sobre o bêbado total, de 1936 (!), Vicente Celestino implora que permitam que seu corpo apodreça à vontade: “deixai que os vermes pouco a pouco venham a terminar este ébrio triste”. (Coincidência: a faixa que encerra o LP de Fernando Pellon acorda a voz do morto, e um cadáver reclama que enfeitaram sua campa com flores de plástico). No ano seguinte, 37, o mesmo Celestino detonou o escalafobético “Coração Materno”, aquele lance em que o coração da mamãe sai pulando pela estrada empoeirada, gritando, entre um esguicho e outro de sangue morninho: “Magoou-se, pobre filho meu?”

Mais recentemente, o grande clássico traz a assinatura de João Bosco/Aldir Blanc e a data de 1980. Fala da “vontade de soltar o barro” e “vomitar um P. F. de rabadá com agrião”. Seu título poderia servir de bandeira para o gênero que o LP de Fernando Pellon consagra: “Banda-

CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO

MÚSICAS DE CANTADAS POR



FERNANDO PELLON



PAULINHO LÊMOS



SYNVAL SILVA



NADINHO DA ILHA



E CRISTINA

Ciúmes, tiros e tragédia

STOU LHE MOSTRANDO A PORTA DA RUA PARA QUE VOCÊ SAIA SEM EU LHE BATER

Seviciada em público

JI TÃO BOM PRA ELA, DEI MEU NOME A ELA, QUASE PASSEI FOME PARA HONRAR SEU NOME

Artificialmente limpa pelo processo Olivetti de tecladismo estéril, a MPB ultimamente não tem correspondido a violência do país que a produz. Pelo menos a MPB letra O, emanada da burocracia do show-biz e do oficialismo político do humor a preço de hiena. Fernando Pellon vai chorar essa hipocrisia generalizada vendida com rótulos de bom gosto e status. “Nunca gostei de eufemismo” vai logo

cantando ele. E da nome as doenças, como fazia Augusto dos Anjos, com um requinte de morbidez que ainda perde, no entanto, para a crueldade exibida diariamente por nossas autoridades mais altas.

Quem quiser se assustar com Pellon, que também recobra tradições estabelecidas por arautos das campas tão divergentes quanto Nelson Cavaquinho e Vicente Celestino. Para isso, basta ouvir “Flores de Plástico se Apanhecer”. Já o posso recomen-

Noivo desmaia de fome e assiste sentado

às cenas do casamento

JOGUEI MEU CIGARRO NO CHÃO E PISEI, SEM MAIS NENHUM, AQUELE MESMO APANHEI E FUMEI.

te Aldir Blanc também poderia ter assinado algo tão flagrante como “Carne no Jantar”. E por aí fora, se para que não se pense que Fernando Pellon é um estranho no ninho, ou alienista fugaz.

Melhor que situar tão precocemente sua obra é ouvi-la, com ouvidos desarmados de preconceitos. O poeta vale a pena: violão, os convidados e os arranjos de João de Aquino e Paulinho Lemos.

Um disco que erradica o bom-mocismo em todas as faixas

hismo”. É verdade que, aos poucos, a turma já vinha “escandalizando” a censura e as platéias mais fingidas. Em 79, Chico Buarque pedia que lançassem porções fecais no Geni, na “Ópera do Malandro”. No mesmo ano, Rita Lee explicava que “Maria Mole” “não faz força nem pra soltar pum”; e Caetano Veloso indicava o local onde “o Imperador fez xixi”. Portanto, a coisa vinha vindo, à medida que a censura afrouxava as rédeas.

No quatinho do sexo, tudo já tinha ido bem mais longe — mas só na área mais popular. Enquanto Roberto Carlos se debate em metáforas equestres e geométricas, falando em cavalgadas e côncavos e convexos, a turma dos bailes da periferia canta tudo. E dribla a censura com jogos de palavras e trava-línguas. Do Pastoril do Velho Faceta às delícias de Zenilton, só se fala de safadeza e com todas as letras. Um exemplo: Zenilton entoava este refrão — “Lá tem culpa todo mundo/Lá só não tem culpa eu” — evidentemente engolindo a segunda sílaba da culpa. Mas até aí a idade da metáfora está terminando: o impagável LP “Phoda C” de Leo Jaime já está nas lojas, com o inevitável veto da censura

para a execução de duas faixas, aquelas onde se mencionam algumas práticas sexuais, dessas que trilhões de pessoas realizam todos os dias.

Contra todas as alegorias, Fernando Pellon vai logo advertindo, na faixa “Vã Esperança”: “Nunca gostei de eufemismo”. E condena a terminologia evasiva que “tenta encobrir a cruzeja que há nessa vida”. Com ele, não existe nenhum floreio, o karatê, de seus versos só bate onde já está doendo. Ele recolhe seus temas no corriqueiro mais prosaico da vida de cada um. É verdade que qualquer um que já teve um envolvimento com uma doença como o câncer não vai sorrir ao escutar a faixa de abertura. Mas que o câncer existe é coisa que ninguém pode negar. E o mesmo vale para toda a miséria patética na qual chafurdam todas as nove faixas — coisas que o noticiário da tevê não mostra. Este universo da rotina da maioria vem embalado em samba, choro e outros sotaques bem cariocas, nas vozes certeiras dos veteranos Synval Silva ou Nadinho da Ilha, ou na vacilante interpretação de Paulinho Lemos. Um disco que deveria ser ouvido com atenção pela miniminoria que não quer votar para presidente. Assim, eles descobririam um pouco do Brasil de verdade.